



CONSTRUÇÃO & NEGÓCIOS

06.05.2008

[Empresa](#)
[Assine](#)
[Anuncie](#)
[Fale Conosco](#)
[Trabalhe Conosco](#)

Home > [Matéria / Artigos](#)

Edições Anteriores

Editorial

Matérias

Notícias

Entrevistas

Cases

Enquete

Revistas

login

senha

ok

Esqueci minha senha

Para ter acesso ao conteúdo da revista na íntegra, preencha nosso cadastro

MATÉRIAS/ARTIGOS

Caminho sustentável

A 13ª Conferência das Partes sobre o Clima, a conhecida rodada de Bali, que reuniu 190 países, aprovou o roteiro de negociações para a definição de um novo tratado de combate ao aquecimento global, a ser ratificado no final de 2009, em Copenhagem, na Dinamarca. Apesar do fechamento de um documento genérico – sem a definição de metas concretas –, o encontro trouxe um grande avanço em relação aos Estados Unidos, que, após seis anos de oposição do governo Bush ao tema, concordaram com a postura dos demais componentes do G7, segundo a qual os países mais ricos devem fazer mais para ajudar as nações em desenvolvimento no combate ao efeito estufa.

O novo tratado, que substituirá o Protocolo de Kyoto em 2012, deverá considerar medidas para conter a degradação de florestas e incluir países emergentes – como China, Índia, Rússia e Brasil – nas metas de redução das emissões. Analistas mais atentos também consideram as negociações em torno das metas de redução das emissões um caminho para o surgimento de um novo mercado: o de produtos com valor ambiental agregado. Para o setor da construção no Brasil, a repercussão da rodada de Bali deixa ainda mais evidente a grande demanda potencial por produtos sustentáveis. A assimilação dos conceitos de sustentabilidade e a transformação em negócios pelo mercado brasileiro começam a avançar.

A demanda por instalações comerciais e industriais projetadas e construídas sob os mais modernos conceitos de sustentabilidade já é uma realidade. Grandes empresas, preocupadas com seu posicionamento no mercado global, estão dispostas a investir nos green buildings, instalações projetadas com responsabilidade ambiental, proporcionando espaços saudáveis para se trabalhar e retorno econômico garantido. Como consequência natural da construção de green buildings, surge uma demanda por materiais de construção ambientalmente corretos. Empresas brasileiras dos setores de aço, alumínio e cimento investem pesado em tecnologias de produção mais limpas, colocando no mercado mundial produtos com valor ambiental agregado.

Outra repercussão é o aparecimento de empresas especializadas em realizar “construções limpas”. Elas estão voltadas para a implantação de “obras ambientais”, seja na construção predial ou em grandes obras de infra-estrutura, adotando procedimentos para redução do desperdício de materiais e diminuição do impacto ambiental das obras. Vale lembrar o exemplo da nova pista da rodovia dos Imigrantes, em São Paulo.

Oportunidade pouco explorada no Brasil é a revitalização de áreas degradadas, ponto de partida do equilíbrio entre o desenvolvimento sócio-econômico e a proteção ambiental. Foi por meio deste conceito que grandes cidades na Europa e nos Estados Unidos transformaram seus passivos urbanos em geração de riqueza e melhoria da qualidade de vida. Nos Estados Unidos, a criação de incentivos como o Superfund possibilitou que em poucos anos fossem investidos cerca de US\$ 6,5 bilhões e criados 25 mil empregos na reconstrução dessas áreas para um uso sustentável.

O macro-setor da construção no Brasil, responsável por mais de 16% do PIB nacional e por mais de 12 milhões de empregos, vive atualmente uma fase de crescimento e oferta de crédito jamais vista em outros tempos. É preciso aproveitar este bom momento e consolidar um novo mercado da construção, ambientalmente responsável, lucrativo e socialmente correto, com vistas ao crescimento sustentável do setor no longo prazo.

Marcos Redondo é engenheiro civil, diretor executivo da consultoria Fator Ambiental.

<< [Outras matérias desta seção](#)

